

# A Doutrina da Salvação

Cornelius Van Til

Lançamos, anteriormente, o olhar sobre a relação orgânica entre os diversos ofícios de Cristo. Devemos, agora, observar que a mesma relação existe entre o que Cristo fez por nós e o que Cristo fez e faz dentro de nós. Em Soteriologia, lidamos com a aplicação, em nós, da redenção que Cristo operou por nós. Sendo o pecado aquilo que é, seria inútil ter a salvação proposta a nós sem que ela também fosse aplicada em nós. Visto que estamos mortos em nossos pecados e transgressões, não nos faria bem algum ter uma maravilhosa poção reavivadora ao lado de nosso caixão. Isso só nos faria bem se a poção fosse efetivamente administrada em nós.

Esse ponto já se inclui no fato de que Cristo deveria nos conquistar para nos dar conhecimento. Mas essa conquista de Cristo é feita através do seu Espírito. É o Espírito que traz as coisas de Cristo e no-las dá. Cristo faz sua própria tarefa e o Espírito faz a dele.<sup>1</sup> Por essa razão, Cristo disse aos discípulos que lhes seria proveitoso se ele subisse aos céus. Era só depois de sua ascensão que o Espírito viria e terminaria a obra que Cristo havia começado a fazer enquanto estava na terra. O que Cristo fez enquanto estava na terra é só o começo da sua obra.

Por esse motivo, devemos observar neste ponto que o Espírito que aplica a obra de Cristo é ele mesmo um outro membro da trindade ontológica. Necessariamente, teria que ser. Se assim não fosse, a obra da salvação não seria uma obra somente de Deus. Como era para Deus se manter em seus atributos incomunicáveis, o Espírito de Deus – e não o homem – teria que efetivar a salvação do homem. A única alternativa a isso seria que o homem em algum ponto tomaria a iniciativa em termos de sua própria salvação. Isso implicaria que a salvação realizada por Cristo poderia ser frustrada pelo homem. Imagine que ninguém aceitasse a salvação oferecida. Nesse caso, toda a obra de Cristo teria sido desperdiçada e o Deus eterno teria sido reduzido a nada pelo homem temporal. Mesmo que digamos isso só para o caso de qualquer pecador individual, a questão da salvação em última análise dependeria do homem, e não de Deus. Ou seja, se dissermos que o homem pode por si só aceitar ou rejeitar o evangelho da forma que quiser, então dizemos que Deus é que depende ao homem. Teremos, então, de fato, negado a incomunicabilidade dos atributos de Deus. Se, por outro lado, nos recusamos a mesclar o eterno e o temporal na questão da criação, então necessariamente temos que nos recusar a mesclá-los na questão da salvação.

---

<sup>1</sup> NT. Isto é, do Espírito.

Repare que a discussão do parágrafo anterior é justamente a diferença entre o Arminianismo e o Calvinismo. Talvez alguém pergunte se, na Apologética, deveríamos ignorar a diferença existente entre escolas teológicas distintas e defender a “fé comum”.

Do que eu disse anteriormente, contudo, parece ficar claro que não podemos adotar tal atitude. A diferença entre Calvinismo e Arminianismo é uma diferença na concepção do relacionamento do eterno Deus com o homem temporal. Ora, se mantemos que só pode representar consistentemente o posicionamento cristão um conceito de Deus que o veja como absolutamente independente do homem; e se todo o debate entre o posicionamento cristão e o não-cristão gira em torno justamente da questão do relacionamento entre o eterno e o temporal ou entre Deus e o homem, então fica claro que o Arminianismo não pode oferecer ao Cristianismo uma Apologética efetiva. Cabe ao arminiano demonstrar – se é que ele pode – que sua visão fornece ao Cristianismo uma Apologética melhor que aquela oferecida pelo calvinista. Uma coisa é certa: a distinção entre Calvinismo e Arminianismo não pode ser ignorada. Aquele que tenta ignorá-la, na verdade, já adota com isso a postura arminiana. Pouco poderemos fazer contra o opositor se ignorarmos essas diferenças entre nós. Um calvinista naturalmente pensa que o arminiano tem dado espaço para o opositor apesar do que ele pensa que está fazendo. Por sua vez, um arminiano pensa que o calvinista tem dado espaço para o opositor sem que saiba disso.

Tradução: Lucas Grassi Freire ([lgfreire@gmail.com](mailto:lgfreire@gmail.com))

Fonte: Esta é uma seção do capítulo 1 do seguinte livro escrito por Van Til: *The Defense of the Faith* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1955). A preocupação principal do autor é construir um sistema de apologética distintivamente reformado.